

# O CONSUMO DE ÁLCOOL POR ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DA CIDADE DE MARINGÁ- PR: RELAÇÕES COM OS ASPECTOS SOCIODEMOGRÁFICOS<sup>1</sup>

Rosângela Christophoro<sup>2</sup>  
Maria Dalva de Barros Carvalho<sup>3</sup>  
Ieda Harume Higarashi<sup>4</sup>

CHRISTOPHORO, R.; CARVALHO, M. D. de B.; HIGARASHI, I. H. O consumo de álcool por estudantes do ensino médio da cidade de Maringá - PR: relações com os aspectos sociodemográficos. *Arq. Ciênc. Saúde UNIPAR*, Umuarama, v. 17, n. 1, p. 3-8, jan./abr. 2013.

**RESUMO:** O alcoolismo é um dos problemas que mais tem despertado interesse e preocupação nas últimas décadas. Os objetivos do estudo foram caracterizar o grupo de estudantes adolescentes do ensino médio de escolas públicas e particulares segundo aspectos socio-demográficos, e identificar o uso de álcool entre esses adolescentes. O presente estudo tem como enfoque uma abordagem quantitativa, do tipo descritiva exploratória. Visou-se identificar o uso de bebidas alcoólicas entre estudantes de escolas públicas e particulares do ensino médio. Foram utilizados dois questionários anônimos, de autopreenchimento. O tamanho da amostra foi baseado no número proporcional de escolas públicas e privadas. A população estudada foi constituída de 2467 estudantes de escolas públicas e particulares de ensino médio. Dos 2467 estudantes pesquisados 11,76% não tomaram nenhum tipo de bebida alcoólica, enquanto 88,24% já tomaram algum tipo de bebida alcoólica. E do total, 1386 eram do gênero feminino correspondendo a 56,18 %, enquanto que 1081 (43,82%), do gênero masculino. Em relação ao tipo de escola 90% (2221) pertencem às escolas públicas, ao passo que 10% (246) são de escolas particulares. Dos 2221 pertencentes às escolas públicas 11% não tomaram algum tipo de bebida alcoólica enquanto que 89% já tomaram algum tipo de bebida alcoólica. E as escolas particulares 89% não consumiram nenhum tipo de bebida alcoólica; e 11% tomaram algum tipo de bebida alcoólica. O estudo constatou uma alta frequência de consumo de bebidas alcoólicas entre os estudantes do ensino médio independente da escola, série e turno. **PALAVRAS-CHAVE:** Adolescente; Alcoolismo; Estudantes.

## ALCOHOL CONSUMPTION BY HIGH SCHOOL STUDENTS IN THE CITY OF MARINGÁ - PR: RELATIONSHIPS WITH SOCIODEMOGRAPHIC ASPECTS

**ABSTRACT:** Alcoholism is one of the problems that has risen great interest and concern in the last decades. The aims of this study were to characterize the teenager student group in public and private secondary schools according to sociodemographic aspects, and to identify the use of alcohol among these teenagers. The present study has an exploratory descriptive quantitative approach. It aims to identify the use of alcoholic drinks among students in both public and private high schools. For such, two self-complete anonymous questionnaires were used. Sample size was based on the proportional number of public and private schools. The study population comprised 2467 students from public and private high schools. From the 2467 students surveyed, 11.76% did not take any alcoholic beverage, while 88.24% have already ingested some kind of alcoholic beverage. From the total, 1386 were females, corresponding to 56.18%, while 1081 (43.82%) were males. In relation to the type of school, 90% (2221) belonged to public schools, while 10% (246) were from private schools. From those 2221 belonging to public schools, 11% did not take some type of alcoholic drink, while 89% had already taken some type of alcoholic drink. In the private schools, 89% of them did not consume any type of alcoholic drink and the remaining 11% declared having taken some type alcoholic drink. The study found a high frequency of alcohol consumption among high school students regardless of school type, grade and period. **KEYWORDS:** Adolescents; Alcoholism; Students.

### Introdução

O alcoolismo é um dos problemas que mais tem despertado interesse e preocupação nas últimas décadas. Segundo Zago (2004) e Sanchez; Ferriani (2004), para a saúde pública, o consumo de álcool e as implicações que dele advém atingem a vida pessoal, familiar, escolar, ocupacional e social do usuário. A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera o uso de drogas lícitas (álcool e tabaco), como um problema crescente da saúde pública, tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento. Esse aumento tem sido mais frequente em países onde existe pouca tradição de políticas sociais de controle do uso de álcool, assim como em métodos de prevenção, promoção e tratamento. O

uso do álcool apresenta como consequências negativas uma ampla gama de complicações de saúde, com significativo impacto familiar, social e econômico

Para Bertolote (1997) e Conte (2001), são inúmeras as consequências negativas que o uso do álcool traz para o organismo, tanto em termos de doenças físicas, quanto psiquiátricas, representadas por problemas como a hipertensão arterial, a cirrose hepática, a pancreatite, o câncer; além de distúrbios do sistema nervoso central, com sintomas de depressão, redução do desempenho intelectual, perda da memória e demência. As implicações sociais que se originam deste contexto causam impacto muito significativo na vida dos indivíduos afetados por tal problemática, sendo comuns os relatos de desemprego, situações de violência (sexual, do-

<sup>1</sup>Parte do trabalho apresentado na Dissertação de Mestrado da Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

<sup>2</sup>Enfermeira. Mestre em Ciências da Saúde. Docente do Curso de Graduação da Universidade Estadual de Maringá - UEM/Brasil. Rua Bragança, 259/11. Jardim Universitário. Maringá-PR - Brasil. CEP:87020-220. Fone: (44)3011-4511 (trabalho); (44) 3262-6684 (residencial). E-mail: rchristophoro@uem.br; rchristophoro@hotmail.com.

<sup>3</sup>Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Departamento de Medicina da Universidade Estadual de Maringá UEM/Brasil. Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde (mestrado/doutorado) da Universidade Estadual de Maringá UEM/Brasil. Av. Colombo, 5790 - Câmpus Universitário, Bloco 126. Maringá - PR - Brasil. CEP: 87020-900. Fone: (44) 3011-4564 (trabalho); (44) 9973-3791. E-mail: mdbcarvalho@uem.br

<sup>4</sup>Enfermeira. Doutora em Educação. Docente do Mestrado e Doutorado em Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá UEM/Brasil. Rua Rui Barbosa, 465/601. Zona 07. CEP: 87020-090. Maringá - Paraná - Brasil. Fone (44)3011-4507; (44) 3026-0049. E-mail: ieda1618@gmail.com.

méstica, suicídio, assalto, homicídio); desagregação familiar; criminalidade; acidentes de trânsito, laboral, e no lar; traumas; aposentadoria por invalidez.

O consumo de álcool apresenta ampla aceitação social. Seu maior apelo pode estar relacionado a uma sensação de engajamento social, pela sensação prazerosa e pelo efeito estimulante provocados pelo consumo do álcool, produzindo euforia, desinibição e maior facilidade para falar. Nas palavras de Griffith et al., (1998), o álcool seria um facilitador da sociabilidade.

Tal comportamento da sociedade fica patente ao observar a presença frequente do álcool em ritos de celebração – festas, aniversários, formaturas, casamentos e eventos em geral. Esta aceitação do ato de beber é reforçada pelo fato de não tratar-se de ato ilegal ou ilícito, nos moldes do que ocorre com outras drogas ou substâncias químicas de efeito similar. O único aspecto restritivo do consumo desenfreado do álcool parece ser o limite de idade, tendo em vista a proibição de venda para menores de 18 anos, nem sempre observada de forma rigorosa.

Assim, a facilidade de acesso, em termos de disponibilidade e a variedade de opções, com baixo custo de algumas formulações, aliados à aceitação social e o bem-estar momentâneo decorrentes de seu consumo nos círculos de convivência social e familiar, tem contribuído sobremaneira para a iniciação cada vez mais precoce do hábito de beber.

Robson (2001), Conte (2001) e, referem que entre os estudantes ou jovens de uma forma geral, o ingresso ao hábito de consumir bebidas alcoólicas pode ter motivações diversas, desde a necessidade de pertencer a um grupo, passando pela busca de identidade, curiosidade, necessidade de um “combustível” para driblar a timidez e travar relacionamentos, até como um jogo simbólico de adentrar a vida adulta, como prova de uma suposta maturidade. Seja qual for o motivador deste processo, com o tempo estabelece-se uma relação do jovem com o álcool. Esta relação pode ser de tolerância e controle sobre o consumo, de tal forma que o mesmo conserve a capacidade de parar quando quiser, até graus os mais variados de dependência física e psíquica.

Neste último caso, e com o passar dos anos, sérios problema físicos, biológicos/químicos, emocionais e psíquicos vão paulatinamente se instalando, modificando assim, a forma como este jovem se relaciona com seu próprio processo de viver.

Instaura-se assim, um problema de saúde pública dos mais difíceis de abordar, tendo em vista a amplitude de suas repercussões não só para o indivíduo afetado, quanto para a sociedade na qual está inserido. Para Conte (2001), os efeitos deletérios do alcoolismo sobre o organismo do indivíduo, redundam em diminuição de sua capacidade de trabalho, maior risco de acidentes laborais e de trânsito pelo déficit de atenção, propensão para o desenvolvimento de quadros de depressão e de dificuldades de convívio social, e para a violência doméstica. Assim, o aumento das estatísticas de suicídio e criminalidade também está associado à problemática do alcoolismo em nossa sociedade.

Em face deste complexo contexto, depreende-se tratar-se de temática inesgotável, principalmente em se considerando o aumento crescente de problemas associados ao alcoolismo e as estatísticas alarmantes dos transtornos causados pelo álcool. Segundo Conte (2001), sabe-se que, cerca

de 15% da população brasileira é alcoólatra, de tal monta que motoristas alcoolizados são responsáveis por 75% dos acidentes fatais registrados no país. O alcoolismo é a terceira doença que mais mata no mundo e, no âmbito das complicações crônicas envolvendo doenças hepáticas como a cirrose, 50 a 80% são originadas pelo álcool. A cirrose alcoólica do fígado foi a sétima maior causa de óbito na população acima de 15 anos, em 1996.

Conte (2001), refere que o uso indevido de álcool e drogas é responsável por 50% dos motivos de absenteísmo e de licenças de saúde no trabalho. Tal estatística não leva em conta os problemas associados, como a baixa produtividade, atrasos, acidentes de trabalho, gastos desnecessários de matéria-prima. E certamente é um grande aliado ao desemprego, influenciando as relações interpessoais dentro do ambiente laboral e familiar-social.

Paradoxalmente a este cenário, o Brasil se destaca como o terceiro maior produtor de cerveja do mundo, aceita como uma bebida tão tradicional quanto a caipirinha. Assim, parece fazer parte da cultura do brasileiro “sair para beber uma cerveja” com os amigos.

Esta indústria do consumo é abastecida por uma pesada máquina de publicidade e marketing, capaz de conquistar um público cada vez maior e cada vez mais precoce. No universo midiático e televisivo, abundam anúncios livres utilizando jovens, mulheres bonitas e sensuais, imagens de artistas e até de atletas, cenários chamativos ou animações gráficas para propagar marcas de cerveja. Em nenhum momento a mídia ressalta que a bebida é prejudicial à saúde, observando apenas a recomendação de beber com moderação, ou de não beber se for dirigir. Para Bertolote (1997), o resultado deste balanço é que, enquanto as indústrias movimentam 3,5% do PIB anual, o país gasta 7,5% do PIB por ano para tratar problemas relacionados ao álcool, que variam desde tratamentos de um dependente até a perda de produtividade destes cidadãos com sequelas incapacitantes, “invalidez”, morte e aposentadoria precoce.

Além dos reflexos individuais, no plano coletivo, este mercado da droga lícita faz outras vítimas. A família é a mais atingida, com espancamentos de crianças, adolescentes, e agressões entre marido e mulher quando um dos dois encontra-se embriagado. Conte (2001), (Baús; Kupeki; Pires, 2002), Sanchez e Ferriani (2004), Flores; Luis (2004), referem que, soma-se a isso, o fato da desagregação familiar aliada com desemprego ter alta relação com o incremento da criminalidade, aumento do número de homicídios, assaltos, assassinatos e roubos, podendo tais eventos estarem relacionados ao consumo de álcool de forma isolada ou associado ao uso de outras drogas. No âmbito escolar, os eventos ou casos de violência podem se manifestar pelo uso de linguagem ofensiva, até a demonstração de comportamentos assustadores, com agressões físicas, depredação de salas de aula e bibliotecas.

Estudos têm procurado estabelecer as causas do alcoolismo, atribuindo-as a fatores individuais, sociais e culturais, ou a interação desses fatores, bem como a uma predisposição genética. Zago (1996), refere que, em se tratando de predisposição genética, estudos apontam para uma suposta tendência, pré-existente e associada ao fato do indivíduo ser portador de um gene ou grupo de genes determinantes do alcoolismo.

Assim, independente de suas causas e da explicação organicista para o alcoolismo, o fato é que, beber moderada e esporadicamente faz parte dos hábitos de diversas sociedades e culturas.

Em nossa cultura ocidental, como em muitas outras, o ato de beber como comportamento social, constituiu-se em expressão simbólica da transformação do indivíduo, que passa da adolescência para a maioridade. Beber é assim, considerado como parte do desenvolvimento do ser humano normal, e etapa integrante do processo de socialização que normalmente acontece dentro do contexto familiar e comunitário.

O grupo mais susceptível às drogas é o jovem, por ser este período da vida do ser humano mais propício aos comportamentos de risco. Essa fase de ambiguidade vivenciada pelo adolescente, nem criança e nem adulto, gera uma série de conflitos internos e externos que necessitam uma abordagem cuidadosa e adequada.

Segundo Rebolledo; Medina e Pillon (2004), conflitos relacionados à identidade em formação, as crises de auto-estima, o despertar para a sexualidade e a necessidade de sentir-se aceito, adotando normas de um grupo nem sempre congruentes às expectativas familiares e sociais, tornam esta fase de vida extremamente conturbada, constituindo-se em etapa ou período de transição determinante da vida adulta.

O impacto social da introdução do adolescente no mundo do consumo desenfreado do álcool é o fato desta substância, muitas vezes, representar apenas uma porta de entrada para outras drogas, por sua vez ilícitas. Assim, embora o acesso às drogas ilícitas ser dificultado pelas implicações legais relativas ao seu consumo e comercialização, por outro lado, o acesso ao álcool é extremamente facilitado e até estimulado nos encontros/eventos sociais voltados à clientela jovem: shows, festas, danceterias. Embora a venda seja vedada a menores de 18 anos, é notória facilidade com que esta proibição é burlada, com uso de mediadores ou amigos maiores de 18 anos para acesso à bebida. Tais eventos ou aglomerações, por sua vez, facilitam o assédio dos jovens por traficantes, ou mesmo, por supostos “amigos” que os introduzem no mundo do consumo das drogas ilícitas. Assim, cria-se um ciclo de eventos do qual o jovem muitas vezes não consegue se desvencilhar.

Cabe ressaltar que os escolares se desenvolvem em diferentes âmbitos, nos quais as influências das relações intra e interpessoais apresentam peso importante, determinando muitas de suas condutas. Dentro deste contexto, Sanches e Ferriani (2004) referem que, há três influências relevantes nesta fase da vida: a família, o meio ambiente e o grupo de iguais. Dependendo da interação entre estes pólos, configura-se uma rede de condições capazes de favorecer ou não o consumo de drogas.

Assim, os autores consideram como fatores de risco, aquelas circunstâncias pessoais e sociais que, somadas, consolidam a condição de vulnerabilidade destes indivíduos, aumentando a probabilidade dos mesmos de iniciar sua trajetória no consumo.

Face a este contexto, o presente estudo se justifica enquanto tentativa de abordar as práticas de consumo de álcool entre adolescentes e jovens matriculados em escolas públicas e privadas de uma cidade do sul do Brasil. O objetivo primário deste estudo foi identificar e caracterizar o

consumo de álcool entre estudantes do ensino médio de escolas públicas e particulares de uma cidade do sul do Brasil, relacionando-o com os aspectos sociodemográficos de idade, cor/raça e sexo.

## **Material e Método**

O presente estudo tem como enfoque uma abordagem quantitativa, do tipo descritivo exploratório por meio de amostragem aleatória.

Foram utilizados dois questionários anônimos de autopreenchimento, sendo o primeiro questionário norteado para os aspectos sociodemográficos e validado por um especialista da área, e um segundo questionário, baseado no questionário do CEBRID-1993 (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas). A aplicação foi coletiva, em sala de aula, com e sem a presença do professor (em ambas as situações, orientado sobre a não interferência do professor no processo de preenchimento dos instrumentos).

Participaram desta pesquisa 15 escolas públicas e 4 escolas particulares, abrangendo escolas localizadas no centro da cidade e em diversos bairros da periferia.

Foram contemplados neste estudo as três séries do ensino médio e os três turnos de todas as escolas participantes da pesquisa, adequando-se com a realidade de cada escola. A amostra inicial constituiu-se de um total de 2837 alunos.

Dos 2837 questionários aplicados, foram desprezados 370 questionários por preenchimento incompleto, de tal modo que a amostra final foi constituída por 2467 estudantes.

De acordo com a norma ética vigente (Res. 196/96-CNS e 466/2012-CNS), o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá, conforme parecer n° 330/ 2005 e CAAE n° 0145.0.093.000-05.

## **Resultados e Discussão**

### **Caracterização Sociodemográfica dos alunos do Ensino Médio**

Dos participantes do estudo, num total de 2467 respondentes, 1386 eram do gênero feminino (56,18 %), e 1081 eram do gênero masculino (43,82 %).

Com relação à faixa etária, 65,23% tinham entre 12 a 16 anos; 33,56%, entre 17 a 21 anos; e 1,21% acima de 22 anos. Cabe ressaltar que os períodos e turnos de escolas que apresentavam cursos profissionalizantes no ensino médio não foram contemplados neste estudo, uma vez que a eventual inclusão destas turmas provavelmente aumentaria o número de participantes com idade mais avançada, dada a grande frequência de jovens adultos nesta modalidade de ensino.

### **O consumo do álcool entre os adolescentes**

No Brasil, assim como em outros países, vive-se a problemática das drogas legalizadas, ou seja, de substâncias integradas ao comportamento social, respaldadas pela cultura histórica daquela sociedade, e cuja produção, venda e consumo não são penalizadas. Para Abramovay e Castro (2005) e Conte (2001), o fumo e o álcool estão muito asso-

ciados a esta ideia, haja visto que o marketing poderoso das indústrias, contribuindo consideravelmente para a disseminação do consumo de tais produtos, sempre associado a uma concepção de bem-estar, sucesso, consonantes ao arquétipo de uma vida plena e bem-sucedida. Assim, os jovens acabam se constituindo no grande “público-alvo” destas campanhas, pela imediata identificação com o capital simbólico expresso nas propagandas, representada por uma forma de vestir e agir, típicos da sociedade moderna e liberal.

Nesta perspectiva, o álcool é hoje, a droga de uso mais frequente entre os jovens, e é dentro deste contexto que passamos a procurar compreender a frequência de alunos do estudo que já experimentaram algum tipo de bebida alcoólica, conforme se percebe na Tabela 1, que se expressa uma ampla maioria de indivíduos que já experimentaram o álcool.

**Tabela 1:** Distribuição de frequência dos alunos que já experimentaram algum tipo de bebida alcoólica

	Frequência	Frequência Relativa
<b>Consumiu Bebida Alcoólica</b>		
Sim	2177	88,24
Não	290	11,76
<b>Faixa etária</b>		
Não lembra	902	36,56
De 4 a 8 anos	87	3,53
De 9 a 12 anos	348	14,11
De 13 a 16 anos	794	32,18
De 17 a 20 anos	46	1,86
Nunca beberam	290	11,76

As bebidas referenciadas pela maioria dos estudantes para o consumo foram a cerveja/chopp e o vinho. Estes dados guardam relação com os de outros estudos realizados no Brasil, como os de (BAUS; KUPEK; PIRES, 2002) Conte (2001), Marques e Cruz (2000) e Zago (2004), assim como os realizados pelo Departamento de Psicobiologia e Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas da Unesp – CEBRID.

Ao proceder-se à análise da incidência de consumo de álcool, conforme tipo de escola verificou-se que os percentuais são bastante próximos, com uma discreta vantagem das escolas privadas, onde o percentual de adolescentes que já experimentaram álcool era de 91,01% contra 87,94% das escolas públicas. A proximidade percentual entre estudantes de ensino público e particular, no que tange ao consumo inicial de bebida alcoólica (alto e significativo em ambos os segmentos), levam-nos a inferir que a disponibilidade financeira não seja um fator de risco significativo para o consumo do álcool. Em outras palavras, a ampla gama de produtos e a facilidade de acesso, fazem com que, independente da classe social, o indivíduo esteja igualmente exposto ao risco de ingressar no consumo do álcool.

Com relação à distribuição do consumo ao longo das três séries que compõem o ensino médio, verificou-se o incremento percentual do consumo, passando de 83,66% na primeira série, 89,70% na segunda série e 92,34% na ter-

ceira. Assim, e considerando a elevação da faixa etária ao longo das séries, verificou-se que, além de alta, a incidência do consumo, ainda que dentro da faixa etária da adolescência, tende a se elevar proporcionalmente, demonstrando uma relação direta entre consumo e idade. Os dados absolutos e percentuais desta tendência são demonstrados na tabela 2.

**Tabela 2:** Distribuição e frequência dos alunos por série, no concernente ao consumo de bebida alcoólica

	Consumiram bebida alcoólica			
	Sim	%	Não	%
<b>Gênero</b>				
Feminino	1232	88,89	154	11,11
Masculino	845	87,42	136	12,58
<b>Série</b>				
Primeira série	778	83,66	152	16,34
Segunda série	688	89,70	79	10,30
Terceira série	711	92,34	59	7,67

No que se refere à caracterização sócio-demográfica da população do estudo e a relação destas variáveis com o consumo de álcool, foi possível observar que, do total de participantes, 56% pertenciam ao **gênero** feminino e 43,8% ao **gênero** masculino. A menor representatividade do **gênero** masculino no total dos alunos que efetivamente participaram do estudo, parece se relacionar com fatores como faltas, atrasos e a evasão escolar entre os mesmos, em virtude, fundamentalmente, do ingresso mais precoce do **gênero** masculino na atividade laboral produtiva, auxiliando assim no orçamento familiar e reproduzindo a tendência culturalmente construída de responsabilização pelo provimento econômico do núcleo familiar na sociedade.

Por outro lado, e contrariando a ideia corrente, acerca da prevalência do hábito de beber entre homens; na população estudada, foi possível perceber uma relação de equilíbrio entre os gêneros no que concerne ao percentual de adolescentes consumidores de algum tipo de bebida alcoólica, com uma pequena vantagem para o gênero feminino, de 88,89% contra 87,42%, conforme a tabela 2.

Esta ausência de discrepância entre os gêneros pode ser resultante de um fenômeno de maior liberdade dos jovens que, independente do sexo a que pertençam, estão possibilitados a frequentar os mesmos locais de entretenimento, de tal modo a usufruírem, das mesmas facilidades para a aquisição da bebida alcoólica.

Segundo Abramovay (2005), a família é referenciada em inúmeros estudos, tanto por sua influência positiva quanto negativa na consolidação de padrões de conduta dos seus membros. No que tange ao consumo de álcool, Soldera et al., (2004), refere o início deste consumo cada vez mais precoce, inserido no contexto do convívio social (grupos de amigos) ou mesmo no contexto domiciliar/familiar. Assim, embora 36,56% dos respondentes deste estudo não soubessem precisar, com exatidão, a idade em que experimentaram ou iniciaram o consumo do álcool, 3,53% referiram este iní-

cio na faixa etária de 4 a 8 anos de idade, onde o nível de dependência dos cuidados familiares é, sem sombra de dúvida, maior.

Os demais percentuais se distribuíram nas outras faixas etárias, da seguinte forma; 14,1% entre 9 e 12 anos, 32,18% entre 13 e 16 anos, 1,86% entre 17 e 20 anos e 11,76% referiram nunca terem bebido. Como mostra a tabela 1.

Nota-se que a faixa etária mais apontada pelos entrevistados se concentrou entre as idades de 13 e 16 anos. Contudo, há que observar-se que o percentual mais alto de adolescentes que referiu não se lembrar da idade exata de início do consumo (36,56%), leva a crer tratar-se de evento do qual tenha transcorrido um período de tempo razoável, o que conduz à inferência de que o primeiro consumo de álcool desta parcela de jovens tenha se dado em faixas etárias mais reduzidas.

Assim, se o percentual daqueles que não se recordam do início do consumo do álcool for somado ao percentual daqueles que experimentaram a bebida em idade inferior ou igual à 16 anos, chega-se à estimativa de que 86,38% dos jovens participantes do estudo já havia tido contato com o consumo de álcool antes dos 17 anos de idade.

Corroboram para tal conclusão, os dados do CEBRID, que mostram que, entre estudantes do ensino fundamental e médio de 10 capitais brasileiras, dentre os quais 65% confirmaram consumir bebida alcoólica, 50% referiram ter iniciado tal consumo na faixa etária de 10 a 12 anos de idade. Outros estudos, como o de Zago (2004) e Soldera et al. (2004), mostram que o uso de álcool, de modo geral, começa na infância e consolida-se na adolescência.

Trata-se, pois de dado significativo, demonstrando que os jovens se iniciam nesta trajetória de consumo cada vez mais cedo.

## Conclusão

O consumo de bebidas alcoólicas é sem dúvida um grave problema de saúde pública, sendo um dos transtornos mentais mais prevalentes na sociedade. Em âmbito global o consumo de álcool tem aumentado nas últimas décadas, principalmente em países em desenvolvimento. Esse aumento ocorre com mais frequência em países onde existem poucas políticas sociais, de controle do uso de álcool, assim como a prevenção, promoção e tratamento. Como se procurou demonstrar ao longo deste artigo, o consumo de álcool por adolescentes ainda tem elementos controversos para sua compreensão. Apesar das consequências na estrutura de desenvolvimento da personalidade do jovem, assim como, orgânicas, e comportamentais, o uso desenfreado de álcool por esta faixa etária, ainda é valorizado e combatido.

No presente estudo, foi possível evidenciar o consumo de bebidas alcoólicas entre os adolescentes e jovens, matriculados em escolas públicas e privadas de uma cidade do sul do Brasil. A incidência de consumo de álcool entre adolescentes está bem próxima independentemente da escola pública ou privada. Esses dados nos leva inferir que a disponibilidade financeira não seja um fator de risco significativo para aquisição e consumo do álcool. Com relação à distribuição do uso do álcool ao longo das três séries que compõem o ensino médio, verificou-se que a segunda série apresentou

um dado mais significativo, entre adolescentes que consomem bebida alcoólica.

Dada a importância das respostas obtidas na pesquisa, os números mostram que, não existe diferença entre gêneros feminino e masculino. Atualmente o consumo de bebida alcoólica independente do gênero justamente pela facilidade de obtê-la, resultante de um fenômeno de maior liberdade dos jovens, estando possibilitados a frequentarem os mesmos lugares de entretenimento. Estudos citados anteriormente demonstraram que o início do consumo de bebidas está cada vez mais precoce. Entretanto, independentemente do motivo em que leva adolescentes ao consumo de álcool, um ponto é inquestionável: quanto mais precoce o início ao uso de álcool, maior os riscos de surgirem consequências graves. Assim, o papel dos profissionais de saúde é promover a facilitação de acesso ao tratamento, ampliar informação sobre onde e como buscar ajuda tanto para os pacientes quanto para os familiares. Agrava a situação quando há ausência de suporte social (estabilidade do núcleo familiar) para a melhora das condições de vida do adolescente, disponibilidade de rede de apoio pouco acessível ou inexistente, e a vontade do adolescente em buscar apoio.

## Referências

- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. Drogas nas escolas (versão resumida). Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 2005. v. 1. 143 p.
- BAUS, J.; KUPEK, E.; PIRES, M. Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. **Rev. Saúde Pública**, v. 36, n.1, p. 40-46, 2002.
- BERTOLOTE, J. M. Problemas sociais relacionados ao consumo de álcool. In: RAMO, S. P.; BERTOLOTE, J. M. **Alcoolismo hoje**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.131-137.
- CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre as Drogas Psicotrópicas- CEBRID, 2003. Disponível em: <<http://www.cebrid.epm.br/>>. Acesso em: 25 nov. 2003.
- CONTE, M. Construindo uma política voltada à abordagem do uso indevido de drogas. **Divulgação em Saúde para debate**, n. 23, p.106-119, 2001.
- FLORES, I. E. E.; LUIS, M. A. V. Uso Y Actitudes relacionado a las drogas en las estudiantes de enfermería de la universidad mayor de San Andrés. **Rev. Latino-am Enfermagem**, v. 12, mar./abr. p. 376-382, 2004.
- GALDURÓZ, J. C. NOTO, A. R.; CARLINI, E. A. **IV levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em dez capitais brasileiras**. São Paulo: Centro Brasileiro de Informação Sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID: Universidade Federal de São Paulo, 1997.
- GRIFFITH, E. et al. A política do álcool e o bem comum. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MARQUES, A. C. P. R.; CRUZ, M. S. O adolescente e o uso de drogas. **Rev. Bras. Psiquiat.** v. 22 (Supl II), p. 32-36, 2000.

REBOLLEDO, E. A. O.; MEDINA, N. M. O.; PILLON, S. C. Factores de riesgo asociados al uso de drogas em estudiantes adolescentes. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, v.12, mar./abr. p. 369-375, 2004.

ROBSON, W. JOAN. ALCOHOL MISUSE. **ARTC Dis CHILD**, v. 84, p. 95-97, 2001.

SANCHEZ, F. M.; FERRIANI, M. G. C. Percepción de padres y profesores de los factores de riesgo para el uso de drogas lícitas e ilícitas en los escolares. **Rev. Latino-am Enfermagem**, v.12, mar./abr. p. 352-358, 2004.

SOLDERA, M. et al. Uso pesado de álcool por estudantes dos ensinos fundamental e médio de escolas centrais e periféricas de Campinas(SP): prevalência e fatores associados. **Rev. Bras Psiquiatr**, v. 26, n. 3, p.174-179, 2004.

VESPUCCI, E. F. **O revolver que sempre dispara: os dependentes de drogas e os caminhos da recuperação**, numa abordagem clínica. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

WATTEN, R. G. ET AL. TEENAGE ALCOHOL AND INTOXICATION DEBUT: THE IMPACT OF FAMILY SOCIALIZATION FACTORES, LIVING AREA AND PARTICIPATION IN ORGANIZED SPORTS. **ALCOHOL & ALCOHOLISM**, v. 37, n.1, p. 74-80, 2002.

ZAGO, J. A. **Alcool e adolescência**. 2004. Disponível em: <<http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl33.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2004.